

Relatório de Gestão – Out/22

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% OUT/22	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,85	10,52	11,75	72,49
<i>VS. CDI</i>	83,76	105,02	102,30	97,48

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% OUT/22	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	1,05	10,25	11,72	68,67
Juros	0,00	-0,29	-0,29	35,65
Moedas	0,17	1,94	2,25	1,53
Bolsa	0,00	0,17	0,19	4,09
Ativos externos	-0,16	0,56	0,46	-4,09
Custos	-0,21	-2,12	-2,58	-33,36
Total	0,85	10,52	11,75	72,49

início: 31/08/2015

Em outubro nós aumentamos marginalmente a venda de dólar contra o real e a venda de S&P futuro, mas ainda mantivemos o fundo com baixa exposição a risco.

O cenário externo segue desafiador, diante da elevação dos juros e redução de liquidez sincronizada pelos principais bancos centrais mundo afora. O FED subiu a taxa básica para 3,75%/4,00% a.a. no início de novembro e sinalizou mais aperto nos próximos meses, embora com uma mudança na abordagem. J. Powell descreveu o processo em três etapas; a primeira foram os passos acelerados de 75 p.p. dados até aqui, a segunda será o patamar final dos juros – que o FOMC entende como sendo mais alto do que o estimado na reunião de setembro – e a terceira, o tempo necessário de manutenção desse juro para que a inflação convirja para a meta. Portanto uma eventual redução do ritmo de alta nas próximas reuniões não deve ser encarada como um afrouxamento da política monetária. Acreditamos que em dezembro o FED deverá reduzir o passo para uma alta de 50 p.p. e nas seguintes para 25 p.p., naturalmente dependendo dos dados econômicos a serem divulgados ao longo do período.

Na Europa o BCE também subiu os juros em 75 p.p. na reunião de outubro e sinalizou novas altas, possivelmente em ritmo menor. As fragilidades do velho continente, em que pese a escassez e o choque de energia, e a situação fiscal de alguns países como a Itália devem fazer com que a taxa terminal de juros seja menor que nos EUA. No Reino Unido o fracasso do pacote fiscal implementado no governo de Liz Truss a derrubou e o novo primeiro-ministro deve anunciar medidas mais ortodoxas neste mês.

A China por sua vez reconduziu Xi Jinping a mais um mandato, com mais força política do que nos anteriores. A possibilidade de uma mudança na política de Covid-zero não se confirmou no evento, mas no início deste mês houve especulações de que isso possa ocorrer nos próximos meses.

Portanto, a força da economia americana continua exigindo do FED um aperto monetário maior que o praticado na Europa, na China e no Japão e mantém o dólar apreciado. Nesse ambiente, a volatilidade elevada e eventuais faltas de liquidez de alguns ativos financeiros devem se fazer presentes. Entretanto, os juros nos EUA estão se aproximando da taxa terminal e dado os efeitos defasados sobre a atividade e sobre a inflação o FED deve passar a fazer ajustes mais finos a partir do ano que vem.

No Brasil, passada a eleição, continua em suspense qual a linha de política econômica a ser seguida pelo governo eleito. A discussão de um “waiver” para aumento de gastos além teto sem um ministro da fazenda indicado nos parece não fazer sentido, assim como querer pagar todas as promessas de campanha no 1º ano de mandato. A recente experiência do Reino Unido deveria ser didática para que fórmulas que não deram certo no passado não se repitam. O manual clássico para um governo que toma posse sugere fazer as “maldades” no início para colher os frutos posteriormente.

As mudanças pelas quais o mundo está passando com questões geopolíticas e econômicas, por um lado impõem mais disciplina à política econômica, mas por outro nos oferece oportunidades de atração de investimentos de longo prazo excepcionais. A conferir se saberemos aproveitá-las ou não.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.